

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, LHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 24500 réis; Semestre ou 26 numeros, 12250 rs.; trimestre ou 13 numeros 100 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 2 DE JULHO DE 1882 — N.º 19 —

GERENTE-PROPRITARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 18000 réis; semestre ou 26 numeros 45000 rs.; trimestre ou 13 numeros 25000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Orvidor.

SUMMARIO

GRAVURAS:—Iza Flowish. Os dois recrutas. Invasão d'um convento pelos iconoclastas. A conferencia (gravura do romance) TEXTO:—Actualidades, por Urbano de Castro. As nossas gravuras. O nosso theatro, por Cypriano Jardim. O realejo, por Cypriano Jardim. Rosicler, por Guilherme de Azevedo. Um passado tenebroso

ACTUALIDADES

Que o leitor se não assuste—não vou fallar-lhe do Syndicato, do Syndicato de Santa Engracia. Chamolhe assim, porque presumo que a este caminho de ferro de Salamanca, esteja reservada a lendaria sorte das obras d'aquella santa, virgem ou martyr — não estou bem certo.

Tenho para mim, que d'aqui a tresentos annos ainda os dignos proceres — descendentes em adeantadas gerações dos actuaes, discutirão, — com muita rhetorica patriottica, e largo consumo de copos de agua — este eterno projecto do Syndicato.

E a proposito de copos d'agua.

Um calculo curioso seria o que nos mostrasse quantos toneis de protoxido de hydrogenio tem as duas camaras consumido na discussão do Syndicato. Eu, porém, creio não ir longe da verdade, avaliando o consumo em tresentas pipas, — pelo menos.

Como ia dizendo. D'aqui a tresentos annos ainda a camara alta hade discutir o Syndicato. Os pares da opposição, infelizes mortaes como quaesquer Nunes — incluindo os algibebees — vendo approximar-se a hora extrema pedirão que os transportem á camara. E tendo expellido phrases rubras contra o Syndicato, dirão no derradeiro alento por entre a suffocação do estertor:

—Sr. presidente! Peço para ficar com a palavra reservada... para os meus netos!

Não é tudo.

D'aqui a seiscentos annos, ainda um descendente do sr. Henrique de Macedo na 15.ª dynamisação, perdão, na 15.ª geração, bocejará muito ensomnado, justificando as fatalidades hereditarias, os mesmos soporiferos argumentos do seu muito illustre e dorminhoco antepassado.

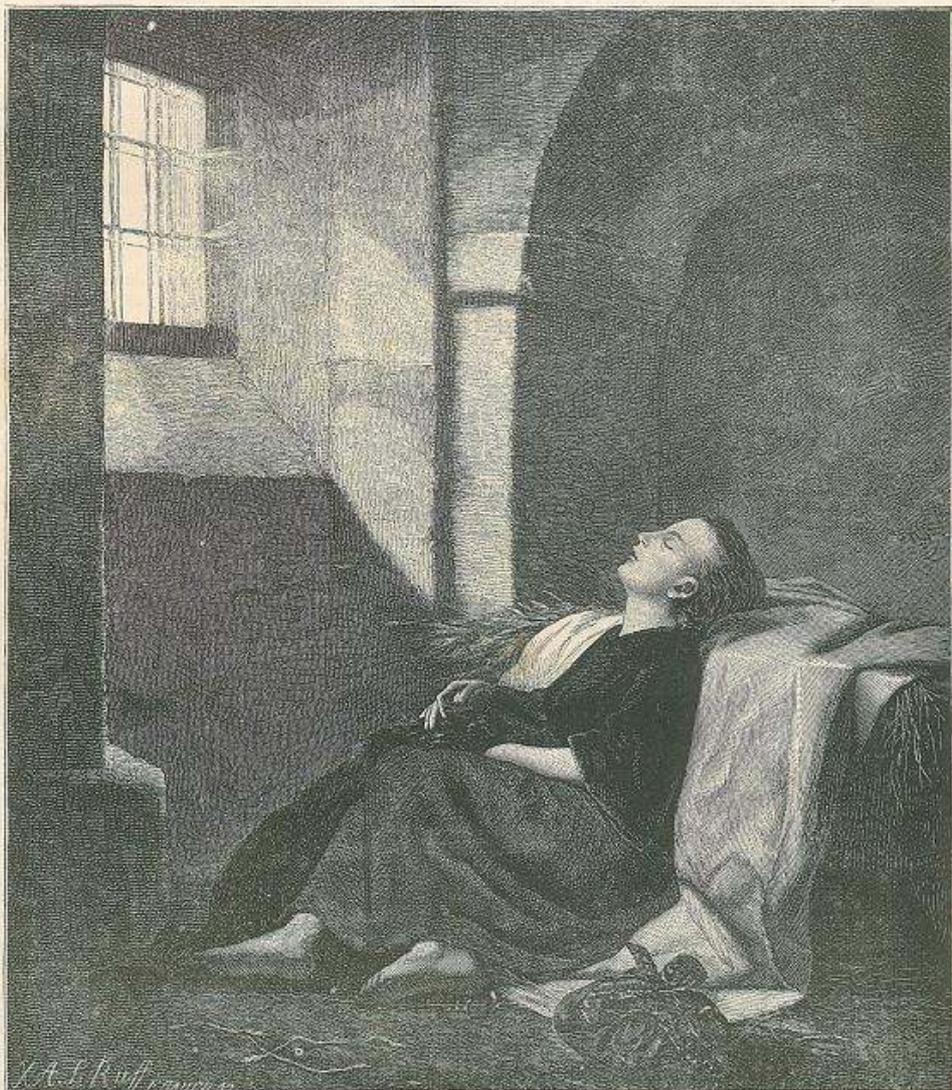
E a decima sexta neta da commissão Vigilância e Resistencia convocará o povo de Lisboa para o 139:985 meeting destinado a lavar um protesto solemne — como em geral todos os protestos d'esta e varias outras commissões — contra o ruinoso e antipatriottico tratado da Salamancada!

Que triste e molina sorte está reservada aos vindouros! Deixando o syndicato.

—A chronica tem a registrar o apparecimento de dois livros, o *Perfil do Marquez de Pombal*, e as *Farpas*, esperados com anciedade pacata, que o paiz

Que o portuguez, seja dito em abono da verdade, nem sempre é assim. A's vezes espera com enthusiasmo, com furia, com epilepsia, mas não são livros, — são toiros.

Camillo Castello Branco no *Perfil do Marquez de*



IZAA FLOWISH

usa empregar, sempre que se trata de uma qualquer obra litteraria ou artistica.

Pombal faz isto: pega em Sebastião José de Carvalho, tido pelos centenaristas na conta de um heroe

talhado no mais duro, solido e rijo bronze, começa a raspa-o com a unha,—a terrivel unha da historia,—e o semi-deus, a paginas tresentas e tantas, apparece aos olhos espantados da galeria, transformado n'um reles boneco de barro!

Por onde se conclue que o marquez era de bronze —pelos processos galvanoplasticos. O livro de Camillo pondo-lhe a calva, ou queremos dizer, pondo-lhe o barro á mostra, foi o reagente que dissolveu o estanho e o ferro da estatua pombalina.

O leitor que decerto conhece a vasta e profunda erudição do auctor das *Noites de insomnia*, do incansavel escavador da Historia portugueza, pode facilmente calcular os curiosissimos documentos, muitos d'elles ineditos, ou completamente esquecidos, apresentados como corpo de delicto indirecto n'este interessante processo feito ao marquez.

Se se juntar ao valor historico do livro, o encanto, a prestigiosa fascinação do estylo de Camillo Castello Branco, a linguagem energica, viril, masculina, caracteristica d'este prosador de raça, comprehende-se como os proprios panegiristas de Sebastião José, embora vejamos de barro o seu querido idolo, embora pretendam negar muitas das asserções do historiador, nem por isso poderão negar que este *Perfil* é uma das mais notaveis obras escriptas a proposito do sanguinario ministro de D. José.

—O outro livro, as *Farpas*, apresenta, talvez, para a grande massa do publico, costumada a encontrar n'estes elegantes volumes a viva scintillação da *cerve* do sr. Ramalho, este defeito: pouca alegria.

Defeito dizemos, como opposto a excesso.

São, na sua grande maioria, paginas graves, serias, reflectidas, em que as opiniões do auctor vão a miudo estribar-se em grandes nomes europeus, o Spencer, o Bastiat, o Comte, o Guisot, o Buckle —altas questões sociaes, a religião, a moral, a politica—alguma coisa de solemne que está pedindo não o ligeiro in 8.º pequeno, mas o grande e bojudinho in 4.º grande.

Isto explica-se. O sr. Ramalho abandonou ha tempos a sua *primeira maneira*. Trocou o frak de *flanneur* pela toga viril. Deixou de ser um alegre e despreoccupado *touriste* do pittoresco paiz da Phantasia, para se transformar n'um sisudo viajante, n'um austero investigador das graves prov.ncias da Sciencia—como diria o sr. Fontes Pereira de Mello.

Ha muito que ninguem o vê nos ruidosos passeios bohemios atravez dos *boulevards* da Chimera, na *causerie* animada e espirituosa dos cafes e *restaurants*.

Fugio a tudo isto. Os seus dias, passa-os hoje no silencio augusto das vastas bibliothecas, ou n'um outro, não menos solemne—o silencio dos museus scientificos.

E se acaso encontra o Ridiculo no meio da rua, esse infeliz Ridiculo em cujo cachaço elle poz, outr'ora, com a inexcusable destreza e a requintada elegancia de um Frascuelo, as aladas *farpas* das ironias mordentes, dos sarcasmos agudos como bicos de agulhas—volta-lhe as costas e deixa-o passar. Não tem tempo para o *farpear*. Lcu n'uma revista estrangeira a noticia da recente publicação de um livro de anthropologia psicologica, e, com o seu passo largo de caminhante incansavel, marcha para o livreiro a encomendar a nova e appetecida obra.

Tudo, afinal, resultado da evolução. O sr. Ramalho está na sua segunda maneira. Maneira muito mais util, por certo: mas, para a grande massa do publico,—muitissimo menos agradável.

Eu, dado que leia sempre com vivo interesse os

escriptos do sr. Ramalho, pertenco ao numero dos que lamentam ter o notavel escriptor desertado da sua primeira maneira.

Tanto mais que se me affigura que o sr. Ramalho perdeu a sua boa, franca e expontanea alegria de outros tempos. Não é uma affirmação gratuita que estou fazendo. N'este numero das *Farpas*, o sr. Ramalho, se o não declara peremptoriamente, dá-o a entender com sufficiente clareza, como vou ter a honra de demonstrar.

É evidente que uma pessoa, ao perder a sua alegria—não faz annuncios nos jornaes, prometendo alviçar a quem a tivesse encontrado, e a queira restituir.

Vamos á demonstração.

N'este numero das *Farpas*, a paginas 33 e 34 escreve o sr. Ramalho:

«—Nove annos de ironia persistente prostram de tristeza o temperamento mais solido. (Eu, entre parenthesis, tomo a liberdade de não participar d'esta opinião. Os tres grandes heroes da Ironia, Rabelais, Cervantes, Voltaire, morreram velhos. Rabelais e Cervantes aos 70 annos, Voltaire aos 84. Ora, se a Ironia os tivesse prostrado de tristeza, não é crível que vissemos tão longa e dilatada vida.) Rir de tudo é fazer da alegria um exilio e da gargalhada um carcere.»

Muito bem.

Em todos os numeros das *Farpas*, incluindo este de que a minha penna está escrevendo, lê-se como epigraphe algumas linhas de Proudhon, que principiam assim:

—Ironia, verdadeira liberdade! . . .

Esta phrase de Proudhon é a bandeira, o programma, o lemma, a divisa das *Farpas*.

Agora, raciocinemos.

A Ironia faz da alegria um exilio e da gargalhada um carcere.

Mas, por outro lado, a Ironia é a verdadeira liberdade. Conclusão: — a verdadeira liberdade consiste em exilar a alegria e em metter a gargalhada na cadeia.

Como todos sabem, o sr. Ramalho Ortigão professa o culto da liberdade no mais alto, no mais elevado grau. Para a possuir, para gosar a liberdade em toda a sua victoriosa plenitude, nenhum sacrificio lhe pareceria pesado.

Portanto, que fez s. ex.º?

Que fez s. ex.º para fruir a verdadeira liberdade?

—Uma coisa muito simples: mandou a sua alegria para Brombach, terra de exilio, mettendo ao mesmo tempo no Limoeiro as suas boas e sonoras gargalhadas.

E por este systema, tão simples, tanto ao alcance de qualquer individuo, conseguiu s. ex.º conquistar a verdadeira liberdade. Com esta conquista porrem coincidiu, evidentemente, pelas razões expostas, a perda da sua alegria q. e. d.

Ainda outra conclusão. Se a verdadeira liberdade consiste em exilar a alegria e em metter a gargalhada n'um carcere, o homem mais livre do Reino de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar, coisas e tal et caetra—sabem quem é?

É o sr. Hintze Ribeiro.

E acabemos com esta *boutade*.

AS NOSSAS GRAVURAS

Iza Flowish

A nossa primeira gravura é tirada por um auctor de nome, d'uma lenda polaca, de muita voga ainda hoje.

Iza Flowish era uma pobre mulher, que julgavam louca, por andar sempre a monte, colhendoervas especias que dava aos cães atacados de hydrophobia.

Não vivia com ninguem, odiava a todos, principalmente os ricos.

Um dia appareceu morta uma grande fidalga, e Iza Flowish foi vista no dia seguinte nas visinhanças do castello. Accusaram-na logo.

Os aldeãos perseguiram-na, prenderam-na, e metteram-na n'uma prisão onde uivava o grande cão preto da fidalga, atacado da raiva ha dois dias.

A terrivel sentença deu o resultado previsto.

No dia seguinte, Iza foi encontrada morta; mas o cão, com a grande cabeça no seu regaço, lambia-lhe as mãos, e olhava-a com ar triste.

Ao pé, um lenço rasgado, deixava ver uns restos da planta que Iza dava aos cães. . . .

Comprehenderam tudo, então.

A herva apanhada na vespera, á hora em que a fidalga morrêra, só se dava na montanha que ficava a dez legoas d'alli. Iza não podia vir ao castello n'aquelle dia, e trazia a planta para o cão. . . e o cão estava curado!

E a pobre mulher, a louca, foi então considerada santa, e a historia da sua morte passou a ser a lenda triste com que ainda se adornecem as creanças, e entretem os viajantes.

Os dois recrutas

Lembra-nos ter lido já em certo moralista, que assim como o carvalho se acha em germen na bolota, assim tambem na creança se encontra o homem com todas as suas qualidades e defeitos. E mais accrescenta o escriptor, cujo nome agora me não acode á memoria, que para conhecer bem as creanças é preciso estudal-as nos seus jogos e brincadeiras.

A natureza de taes divertimentos, o modo como são planeados e conduzidos offerecem grande numero de signaes inequivocos para julgar do pendor natural, das aptidões nascentes dos futuros cidadãos.

Este facto revela-se todos os dias. Mas é condição essencial que a creança esteja perfeitamente livre; desde o momento em que é vigiada, deixa de o estar, e a naturalidade desaparece logo.

Deus sabe a influencia que tem exercido sobre este ou aquelle paiz a paixão decidida, que muitas creanças teem por *fazer de soldado*.

Em França, com especialidade, torna-se profundamente accentuado este genero de divertimento infantil.

Para *fazer de soldado* tudo serve; e o primeiro garotito de quatro ou cinco annos arranja com a maior facilidade seja o que fór, que lhe sirva de espingarda, capacete, corneta, espada, tambor, bandeira, etc.

A nossa gravura é reprodução de um adoravel quadro do pintor allemão, C. Boxer, representando uma scena d'esta especie.

Um rapazito, com um sabre de madeira debaixo do braço, ensina o exercicio de recrutas ao irmão mais novo e ao cão, amigo e companheiro dos dois.

O pequeno e o animal parecem tomar a serio as applicações do joven instructor; e é tão marcial a athmosphera, que se respira em toda a casa, que até o proprio gato parece assistir com satisfação àquelle tercelto, graciosamente reproduzido por C. Boxer.

Invasão d'um convento pelos iconoclastas

Seja qual for o aspecto, debaixo do qual se considere, é uma pagina verdadeiramente magistral. É o que se pode chamar uma obra prima.

O effeito é dramatico; as figuras surprehendentes de vigor e de verdade, collocam-nos em pleno seculo dezeseis, transportam-nos à época dos furores e odios anti-religiosos, que se desentranhavam sem piedade não só contra as pessoas, mas até contra objectos inanimados, contra monumentos d'arte preciosissimos, desde o momento que tivessem o menor caracter sagrado.

A scena passa-se no convento dos Carmelitas, em Anvers. Os iconoclastas conseguiram penetrar, e depois de procurarem os monges por toda a parte, deram com o logar, em que elles se tinham refugiado. A porta cedeu aos repetidos golpes que lhe vibraram.

Que horror! que momentos de angustia para os sitiados!

Tremem de susto os desgraçados monges; mas o temor que os accommette, não é o de perder a vida; não pensam n'isso, é coisa que pouco lhes importa. O seu unico desejo, a sua constante preocupação é: livrar da colera, salvar da avidéz dos assaltantes as coisas sagradas, os objectos preciosos, de que são depositarios.

Mas de que armas se podem servir para defendel-os? Das unicas, que lhes ministra a sua índole religiosa—a prece e a resignação.

Ha porem dois, que cheios de confiança, empunham outras armas: um avança com a cruz na mão direita, pondo toda a esperanza no symbolo da redempção; o outro, (talvez um antigo militar) levanta um machado; mas comprehendendo que não pode servir-se d'elle, deixa-o cabir, e vê-se-lhe no rosto a lucta cruel e pungente, que lhe vae na alma.

Toda esta scena, repetimos, é admiravelmente reproduzida no todo, e cada um dos personagens, analysado em especial, parece viver e respirar.

O quadro, que a nossa gravura reproduz, é devido ao celebre pintor Alexandre Robert, natural da Trisignies (Hainaut), discípulo da Academia de Bruxellas, e que foi depois concluir na Italia a sua educação artistica. Deve-se-lhe grande numero de obras, mas a que o torna mais celebre, é sem duvida, *A invasão d'um convento pelos iconoclastas*.

O NOSSO THEATRO

Annuncia-se nos jornaes, como estimulante ao appetite do publico, com grandes traços de separação, para melhor destacar cada noticia, uma quantidade notavel de peças de theatro, que devem ser representadas na proxima epocha.

Depois dos mezes passados nas praias, no descanso saudavel dos arvoredos, no doce esquecimento do trabalho e das canceiras da vida urbana, é quasi certo que o bom cidadão portuguez gosta de ter noticia dos passatempos que lhe estão preparados na cidade, por uns litteratos que elle não conhece, nem quer conhecer, se já basta que, pelo seu dinheiro, o bom cidadão lhe conheça em qualquer noite as annunciadas produções.

Elle, realmente, não precisa de conhecer os homens, cujas peças se annunciam; se as peças lhe agradarem, se o interessarem, se o commoverem, o que é difficil, o cidadão portuguez, muito azoanado pela parte feminina da familia, é possivel que uma noite se volte no camarote, quando teimarem muito com elle, quando lhe apontarem com insistencia, aquelle sujeito pallido, de bigode preto, que está na friza de bocca,—aquelle que é o actor da peça.—

E' possivel então, que elle olhe, para satisfazer á insistencia da mulher ou da filha, e que finja mesmo que vio o litterato, para acabar com a importunação; mas o que é tristemente certo, é que no seu cerebro não ficará nunca a ligação de duas idéas, que se possam consubstanciar na idéa unica que diz: aquelle homem vale alguma coisa...

Não. O homem que fez a peça não vale nada, para o bom cidadão. O que pode valer o preço do seu camarote, é a comedia ou drama que distrahiu a familia, mettida em casa ha uma semana.

O estudo d'esta ausencia de sensações do nosso bom cidadão portuguez, daria margem a longas considerações, se nós não pensassemos que é muito melhor, para comprehender a falta de sensações do cidadão, analysar as contingencias tristes do theatro portuguez, que se vê na necessidade de fazer representar em cada epocha, a mais singular miscellanea, que, em trabalhos de theatro, é, realmente, possivel apresentar.

Quando Emilio Zola, no seu livro: *O naturalismo no theatro*, conta como, atravez do tempo, se foi fazendo a transformação artistica e litteraria da indole dos trabalhos de theatro, desde a tragedia, do periodo classico, até ao drama realista, passando pelo drama romantico, que, segundo elle, morreu, como já morrera a grande tragedia grega ou romana, Zola não pensava, de certo, que, em qualquer paiz do mundo fosse necessario a um theatro dar ao publico todos os generos conhecidos na scena, para que o theatro não se fechasse, á falta de espectadores.

Zola define a evolução. Conta como a fatalidade social scientifica levou o povo francez á transformação das primeiras tendencias, chegando, por successivas fases litterarias, a desprezar a tragedia classica para applaudir o drama romantico, e para, em seguida, se rir do romantismo, e applaudir o naturalismo na scena.

E acrescenta: «a força do naturalismo, consiste em elle ter fundas raizes na nossa litteratura nacional, que é filha d'um grande bom senso.»

E' pois decidido, segundo Zola, que o naturalismo em França, nasceu fatalmente do bom senso do publico.

O bom senso em Portugal ainda se não manifestou, visto que no nosso theatro ainda não appareceram as peças naturalistas.

E' por isso que um só theatro, pouco seguro do gosto e das tendencias do seu publico, annuncia, para a proxima epocha, peças de todas as qualidades litterarias, na necessidade triste em que se encontra de satisfazer a todos os gostos e tendencias do publico que vae aos espectaculos.

O drama tragico, o drama realista, a comedia, a peça de grande spectaculo, a miscellanea desordenada de todos os generos, constituirão o emsino, a educação parcial dos diversos espectadores que quizerem ser ensinados e educados por diversos systemas e processos.

Triste! Tristissimo symptoma este, que vem provar a nenhuma influencia litteraria e sciencifi-

ca, exercida pelo nosso theatro, nos costumes e tendencias nacionaes!

Não ha corrente litteraria; o theatro não estabelece principios, não tem norma definida; segue servilmente a corrente dos gostos de cada um, por não poder impôr a lei d'uma eschola, por se achar sem força perante o publico, para lhe trazer, e obrigar-o a seguir o caminho direito d'uma reforma litteraria e moral.

As reformas não se fazem de repente, é certo: mas preparam-se na evolução lenta do gosto, e dos costumes, que as vão aceitando sem repugnancia ao passo que vão aprendendo.

O que é bom, e justo hoje, não pode ser mau e injusto no dia seguinte. Mas quando se vão dando, no que era justo e bom, as modificações que fatalmente se succedem em todas as coisas humanas, o que era justo e bom no passado, não o é já no presente, e a litteratura caminhará para o futuro progressivo, afirmando os processos que educam, e adiantam a perfectibilidade desejada.

O genero de litteratura dramatica, em qualquer paiz, tem a duração das necessidades nacionaes.

Quando se representava, sem decorações nem apparato, as farças e os *mysterios* da idade media, o publico de aspirações curtas, e prompto a aceitar umas sinceras convenções scenicas, delectava-se honestamente n'aquella infancia da arte, que elle julgava, na boa fé da sua estreita educação litteraria, o suprasumum de tudo que podesse existir, nas realidades da vida humana, e da vida divina.

Depois aceitou e applaudiu a tragedia classica; precisava, para a sua transformação social, da historia dos heroes antigos, que praticavam as grandes acções, dentro das formulas correctas dos vultos altos da tradição, com uma grande seriedade automatica de gestos, e palavras calculadas pelo som, e pela mechanica.

Então os personagens eram deuses e guerreiros: nada de natural e humano, é certo, mas tudo correcto e forte; assim era necessario, na tendencia da sociedade para a força do direito, para a liberdade que apparecia já como um principio, que trazia a regeneração, a revolução social, que se manifestou em breve com o estampido solemne d'um grande desmoroamento.

Feita a Revolução, appareceu o romantismo; e assim como se victoriara a tragedia, durante dois seculos, tambem no começo d'este, o drama romantico entrou triumphante na scena, applaudido pelas paixões novas d'uma sociedade, que queria excitar-se com as aventuras extraordinarias dos grandes amores fantasticos, que traziam a morte violenta, e o suicidio, e os terriveis sacrificios escuros, dos abandonados da sorte, ou dos fanaticos dos grandes sentimentos humanos.

E o drama romantico, o drama das grandes paixões exageradas, levou a nova sociedade para a febre dos novos sentimentos, e estabeleceu-se solidamente na scena, á espera da nova transformação social, que viesse revelar a nova formula.

Essa transformação vae-se fazendo, e accentuando todos os dias.

A terrivel scena commovente do veneno, do punhal, do sacrificio voluntario, e estúpido, vão abrindo nos labios da moderna sociedade o bom sorriso sardonico com que se recebe o que é exagerado, ridiculo, e velho.

A sociedade de hoje, consciente da sua força analytica, adquirida pela sciencia positiva tirada dos seus actos quotidianos, regeita já a phantasia convencional das grandes scenas sentimentaes, que ella

já acha falsas e deslocadas, no seu modo de ver actual.

O drama realista conta as paixões, como ellas devem ser contadas ao espectador moderno, fazendo-o personagem da peça, collocando-o francamente na scena, em frente dos vícios e das paixões que são suas, inherentes á sua personalidade, á sua

blico, apressando a transformação lenta que se vae dando no seu espirito, e no seu gosto?

Ou não haverá, em que nos peze, falta de outra valia na nossa litteratura dramatica?...

Diremos proxicamente o que julgamos sobre o assumpto.

C. J.

secção, quando um dos nossos mais brilhantes escriptores se prestou a escrever alguns contos singelos, delicados, como os contaria, á noite, á roda da meza, uma boa criada velha á criançada attenta. É o primeiro d'esses contos o que hoje publicamos, e constituirão elles uma pequena serie intitulada:



OS DOIS RECRUTAS

condição de homem, de actor social no palco da vida pratica, que elle vive todos os dias.

Mas tem sido fraco, em Portugal, o repercutimento da revolução dramatica, que se está accentuando la fóra.

Nascera o facto do atrazo social do nosso povo, ou da falta de estudo e de vontade dos nossos actores, dos que tem o dever de encaminhar o pu-

O DOMINGO DOS BÉBES

Lamentavam alguns dos nossos assignantes que ha muito tempo não figurasse nas nossas columnas, esta secção destinada especialmente ás crianças, e que não pôde deixar de existir n'um jornal das familias, como o nosso aspira a ser. Não nos era facil, contudo, obter os artigos necessarios para essa

SERÕES HONESTOS

(CONTOS)

O REALEJO

Elles vinham sempre á mesma hora, ás duas da tarde, e paravam debaixo das janellas.

As duas creanças, ouvindo o realejo, pediam o

vintem á mamã, e deitavam-lh'o para a rua.

Depois, os pobres, iam-se embora na sua lida pela cidade...

duas e trez horas da manhã. Debaixo do braço esquerdo, apertado pela aba contra o corpo, tinha o chapéu voltado, aberto, á espera que alguém ali

De dia, era a mãe e os dois filhos, que andavam pela cidade a ganhar a vida...

Um realejo estafado, velho, posto sobre quatro



INVASÃO D'UM CONVENTO PELOS ICONOCLASTAS

Todos os viram por ahí...

Era uma familia infeliz...

O pae tocava flauta, de noite, pelas esquinas da baixa, a cabeça calva descoberta ao tempo, até ás

deitasse uma moeda de cobre. As vezes, muito tarde, quando fechavam os botequins, passava o vradio, o jogador, via o homem, e deitava-lhe alguma coisa no chapéu; o pobre tocava então mais forte, mais desafinado, agradecendo a quem não via... Era cego.

rodas, tinha, pegada, uma caixa de madeira, a caixa, que era ao mesmo tempo, o berço do pequeno; uma creança de anno e meio, coberta com uns farrapos, muito magra, muito pallida, doente, com a cara exposta ao sol e ao pó, ás moscas que a mordiam, como mordiam os grandes cavallos dos trens

ricos que passavam, aquelles cavallos que lhe metiam medo, a bater o terreno com as suas fortes patas largas, e a levantar do mac-adam, uma poeira que a suffocava, que a fazia tossir muito... Um desgraçadinho!

A irmã, de seis annos, agarrada, com uma das mãos, ás saias da mãe, estendia a outra a quem passava, com um ar machinal, murmurando instinctivamente as phrases vulgares do peditório, e olhando com uns olhos sem ventura, as largas vidraças luzentes, todas cheias de estofos bordados, e de bonecas caras, com olhos de crystal, e caracões dourados...

A's vezes descia uma senhora, levando pela mão o filho, vestido de veludo, com botas de polimento á frederica, todas pespontadas de torçal branco. A pequena pedia-lhe alguma coisa, aquelle menino, para o irmão, para a mãe... mas a senhora ia com muita pressa para um concerto, para a novena, para a exposição... não podia parar, demorar-se... para a outra vez...

E a mãe lá ia dando voltas á manivella do realejo, muito triste, desolada, automatica, a estender os olhos vagos para a altura das janellas, d'aquellas janellas fechadas, mudas, das casas onde havia o bom conchego tranquillo, de gente que tinha com que viver sem cuidados, sem fadiga, sem precisar de andar na rua, a convidar a caridade, com os sons cançados e aborrecidos do seu velho realejo monotono...

Mas, por fim, sempre havia almas boas por esse mundo.

Aquella janella abria-se sempre quando os pobres chegavam, e a Luizita, segurando o irmão, de dois annos, para que não se debruçasse, dava-lhe o vintem, para que elle o deitasse ao pobresinho da caixa, aquelle menino infeliz que estava a olhar para elles, com o seu olhar embarçado, com a sua carinha anemica, inerte, toda mordida do vento e da poeira...

E Luisa explicava ao irmão, que o vintem era para elles comprarem o jantar, com que viver... mais quatro meninos que dessem o mesmo já chegava... Depois... quando os pobres se iam, a Luizita tirava-se com o Bêbê para dentro, e punha se a pensar, a seismar n'aquillo...

Porque realmente... aquillo parecia-lhe singular... exquisto! — Como é que elles...

E um dia perguntou-o á mãe; quiz que ella lh'o explicasse:

— Pois se aquella mulher era tão pobre, que andava pela rua, a pedir esmola, para que mandava ella vir filhos de França? Não os podia sustentar!?...

— Que queres tu, Luiza?... Se tu e o teu irmão são o meu bem, tambem aquelles dois filhos são o bem da pobresinha! — e, justificando embaraçada: — até são a consolação da sua pobreza... pois não te parece que é assim que deve de ser?... quando os filhos são bons, são uma alegria para os paes... pois não são?...

Luiza ouviu, olhou a mãe, com um olhar muito claro, muito grave, e calou-se.

Realmente, não lhe parecia que fosse lá uma grande consolação para uma mãe, ter filhos, sem ter tambem que lhes dar... Se os filhos chorassem com fome, que alegria podia ter a mãe, a ver chorar os filhos?...

Por isso continuou a seismar n'aquillo... e, afinal, não concluiu nada. O unico pensamento, a uni-

ca convicção que lhe ficou do seu raciocinio, e dos seus esforços por lhe dar uma solução, é que aquella familia precisava de viver, e que era preciso dar-lhe esmola já que a pediam com o seu realejo, que, afinal não servia para outra coisa...

E vestir? é verdade!... e vestir?... Como arranjavam elles dinheiro que chegasse para se vestirem... todos?

(Conclue no proximo numero).

CYPRIANO JARDIM

ROSICLER

A magnifica poesia de Guilherme de Azevedo que em seguida publicamos, não figura em nenhum dos seus livros de versos. Foi publicada ha sete annos no *Cenaculo*, excellente revista de litteratura, dirigida superiormente por outro distincto poeta e notavel prosador o sr. Candido de Figueiredo.

Os nossos leitores de certo agradecerão transcrevermos no *Jornal do Domingo* a formosissima composição do infeliz Guilherme de Azevedo, morto na força da vida, quando o seu vigoroso talento se afirmava em todo o seu brilhantismo.

O LIRIO DA GERMANIA

(A BERNARDINO MACHADO)

A minha musa livre, ingenua e franca,
Envia um terno adeus a D. Branca,
A heroína do dia, a flor sem par,
Que, saudosa das névoas da Allemanha,
Deixou a velha Hespanha
E a alegria da luz peninsular!

Findaram das gentis cavallarias
Os torneios de amor; as correrias
A' luz do incendio; as bellas saturnaes!
E, quando mais robustas as suppunha,
Morrem de novo ao sol da Catalunha
As tradições feudaes!

Ó princeza gentil! inda te vejo
Febril como um desejo,
Ao vento solta a fluctuante coma,
Abrindo a marcha aos batalhões sagrados,
Ungidos e banhados
Na agua benta de Roma!

Por isso não pranteio os reis proscritos
Que soltam contra nós agudos gritos
De maldição, de coleras sem par!
Não posso lamentar o seu destino:
—O direito divino

Não tem muita razão de se queixar!

O direito divino! O Lovelace!...
Porque nos mostra assim na branca face
Um ar de compunção tão requintada,
Elle que vive em languidas molezas
Poisando no regaço das duquezas
A antiga cabelleira pulvilhada?!

Que mais quer elle, o fatuo, o presumido?
Triunfa nos salões; anda envolvido
Em veludos e em rendas de Mallines:
Na rua as ociosas multidões
Contemplam seus retratos nos cartões
Expostos nas vitrines:

É esbelto, airoso e ainda um tanto forte:
Faz sensação nos circos e no sport:
Tem soberbos castellos triumphais
E os alazões de mais celebridade:
Vive na intimidade

De princezas e velhos cardeais:

A Europa cortezan diz-lhe ternuras;
Consoa-o nas pequenas desventuras;
Festeja-lhe as amantes e os cavallos,
E mata alegremente os seus fastios
Passando toda a noite a fazer fios
A fim d'elle curar os seus vassallos:

Depois a igreja, a sua amiga eterna,
Em seu nome excommunga a fé moderna,
A razão santa, a ideia nova,— as blouses;
E a fim de partilhar da sua gloria
Ajuda-o na victoria;
—Benze-lhe os arcabuses!

Oh, não! quero antes dar minha piedade
A' singella Justiza; á Liberdade,
Muito cantadas nos idilios novos,
Mas pobres como Job, calumniadas,
Por terem levantado barricadas
Sonhando a grande redempção dos povos!

São duas foragidas hoje em dia,
E é de vez que as olha a burguezia
Se passam junto d'ella descuidosas,
Sem requintes no traje, sem fastigio,
Trazendo inda nas faces o vestigio
Das suas grandes lutas dolorosas!

Não conhecem da moda as mil insidias,
Sob uma fórma escultural de Phidias
Sómente as cinge um circulo de luz,
Suavissimo clarão,
Que na funebre noite da paixão
Reflectia da face de Jesus!

E os Borgias, os Bourbons, os Torquemadas,
Deixaram-lhes as mãos ensanguentadas
Das algemas crueis da escravidão!
Correram toda a escala dos castigos;
—Da fome dos mendigos
Ao fogo e ao potro vil da inquisição!

Tem sido formidavel a campanha!
Na America, na França, na Allemanha,
Na Hungria, na Polonia, em toda a parte,
Jámais um só momento
A' luz d'um sol vermelho, igneo, sangrento,
Deixou de fluctuar seu estandarte!

No entanto vão crescendo em luz e em gloria!
Agora abrangem quasi toda a historia;
Da terra vão tocando quasi o céu!
E os despotas começam a ter medo,
Ao ver que ellas não cabem no rochedo
Aonde foi ligado Prometheu!

Quem é que hoje as não sente e as não descobre
Junto ao vulto da Hispanha activa e nobre
Tentando, n'um supremo grau de heroismo,
Arrancar-lhe do flanco ensanguentado
O punhal que a varou de lado a lado
Vibrado pela mão do despotismo?!

No entanto não ha sebe nem montanha
Atraz das quaes não brilhe a luz estranha
Do olhar turvo e sinistro das hienas,
Que as esperam, nas sombras, agachadas,
A ver quando ellas passam descuidadas,
Altivas e serenas!

Princeza, vem dar caça ás foragidas!
Não partas sem levar-as, bem jungidas
A' azemola dos rijos catalães,
A' presença do rei que em paz descança,
Em quanto apoz da nova ideia lança
As ferozes matilhas dos seus cães!

E tu que és irritante e caprichosa;
Que cingiste uma boina, a mais airoza
Que tem voado ás brisas de Castella,
Talvez ouças as duas peregrinas,
Tomando as tuas mãos tão pequeninas,
Fazendo-te curvar na tua sella,

Bradarem: D. Branca, é santa a guerra!
Aos furos do arcabuz, de serra em serra,
Os teus heroes te chamam; vem pois vel-os,
Que a pobre turba exangue
Te offerta, suspirando, a flor de sangue
Que deves enlugar nos teus cabellos!

GUILHERME DE AZEVEDO

UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(Continuado de pag. 144)

I

Depois do visconde ter saído, Zelia Martinpré examinou a afilhada, convenceu-se de que o seu estado era grave, e aconselhou-a a que fosse para a cama.

Os symptomas da febre foram augmentando, e quando Donaciono voltou, achou o medico á cabeceira da mulher. Soubes que ella tinha uma grande enfermidade cerebral, e que lhe era necessario todo o socego. Prolongou-se aquelle estado por alguns dias, e Zelia Martinpré sustentou uma lucta heroica para afastar do quarto da doente o marido e os avós, pretextando que a sua presença aggravaria a molestia.

Este procedimento explica-se, porque durante o delirio Paulina pronunciava constantemente com horror as seguintes palavras: O livro! Sicilia! Syracusa! Anapo! E d'uma vez levantando-se com os olhos desvairados, mostrou o movel em que tinha escondido a obra do Marquez G. de B.

—Está ali, disse ella. Vou buscal-o... quero tornar a ler.

—Não te mexas filha, respondeu a madrinha dirigindo-se para o armario. E' isto?

Paulina, vendo o volume, fechou os olhos, e deu um grito medonho:

—Não! não! tem sangue... sangue!...

E caiu inerte em cima da cama. Passado esta crise, dormiu um sonno socegado.

II

Zelia Martinpré abriu o livro, principiou a ler, e quando deu com as paginas, que já conhecemos, comprehendeu tudo. Comprehendeu melhor do que a esposa d'aquelle, que, em sua opinião era o proprio Leão Durocher, assim como o supposto San Marco era o italiano, seu cumplice.

Zelia Martinpré, mulher de talento, e cuja vida fôra cheia de incidentes, que lhe formaram um caracter energico, percebeu a situação melindrosa da afilhada, e jurou arranca-la ao abismo custasse o que custasse.

No dia seguinte Celestina de Trenoy veio visitar Paulina. Foi recebida por Zelia, que a informou da doença e da ordem do medico para que não fallasse a ninguem.

Celestina referio a desgraça acontecida ao seu hospede, já felizmente melhor, e quando disse que elle tinha por nome René Morlant, perguntou-lhe Zelia Martinpré:

—Será um advogado, que eu conheci em Paris? um homem alto, de physionomia intelligente, com uma voz encantadora?

—Exactamente... é isso.

—E' extraordinario! em Bruxellas! na sua casa! gravemente ferido! Conte-me toda a historia.

Celestina referio os pormenores, e acabou dizendo que René Morlant ia cada vez a melhor.

—Ainda bem, exclamou a madrinha da viscondessa; mas qual foi o movel do crime? Descobriu-se o auctor?

—A justiça por ora não pode prender ninguem.

—E René Morlant querera receber-me?

—Não sei; posso repetir-lhe a nossa conversação?

—Pode; elle ha de estimar saber que eu estou em Bruxellas; fui muito amiga de uma tia sua, e por

minha intervenção foi-lhe entregue uma causa importante, que lhe conquistou um triumpho no tribunal do Sena.

—Vou já, já dizer-lhe. Amanhã virei saber de Paulina.

A primeira coisa, que Celestina fez, quando chegou a casa, foi ir ter com o advogado e contar-lhe o que passára com Zelia Martinpré.

—Sim, sim, murmurou este; conheço-a muito bem... Madrinha de Paulina! em casa dos Desherbiers!

Callou-se, e ficou pensando.

—Ella deseja muito vel-o, continuou Celestina.

—Tambem gostava de a ver; mas é muito falladora e tenho medo... Mas recomende-lhe que me não cance. Se a vir amanhã, diga-lhe que venha no dia seguinte... A proposito, não ha noticias do tal inglez, que alugou o quarto defronte?

—Nenhumas; nem mandou buscar as malas. Verdade é que o mez está pago.

O ferido sorriu, e balbuciu um nome, que a interlocutora não percebeu.

—Posso affiançar-lhe que não volta, disse René Morlant.

—No dia fixo Zelia Martinpré veio ver o doente, e no outro dia voltou, e a conversação versou exclusivamente sobre Paulina e Donaciono. A velha contou ao advogado que a afilhada quasi morre depois de ler a obra: *Tres annos na Sicilia*, e concluiu com estas palavras, que pronunciou soluçando:

—Pobre rapariga! sabe tudo... e é facil comprehender qua a sua posição é horrivel... Em taes circumstancias, de que não conheço exemplo, conto com o auxilio do sr. Morlant.

—E pode contar respondeu elle... Se Deus me der vida, bade fazer-se justicia; mas é necessaria toda a prudencia!

Dias depois, teve lugar uma conferencia entre René Morlant, Paulina e a madrinha, assistindo tambem um novo personagem, um antigo franco-atirador, camarada de Donaciono, mandado a Bruxellas por Heitor Valenson.

III

No mesmo dia em que René Morlant foi traiçoeiramente ferido em Beersel, bateu á noite n'uma casa de feia apparencia um homem, que vestia um grande casaco, com a gola levantada, e perguntou a uma mulher, que veio abrir.

—Está em casa o sr. Malescot?

—Voltou ha muito tempo.

San Marco—era o tal homem—subio a escadla, e achando-se em presença de Vital Malescot, que estava em mangas de camisa, com uma luz na mão, disse-lhe o antigo forçado:

—Estava á sua espera; entre.

Entraram para um quarto pequeno, mas azeitado.

—Não está por ali alguém que nos oiça? perguntou o italiano.

—Nem um gato; podemos fallar á vontade.

—Bem, exclamou San Marco, tirando o barrrete, que levava, e uma grande manta que tinha á roda do pescoço. Digo-te que és um desastrado, uma besta.

—Ora essa! porque?

—Desgraçado! O homem está vivo. A tua estupidez, a tua cobardia comprometteram tudo.

—Vivo! que diabo! está certo d'isso?

—A culpa é minha, tornou San Marco; devia ter escolhido outra pessoa.

—Essa linguagem é um pouco insolente, observou o malvado; depois fallaremos. Vamos ao facto. Quem disse que o homem está vivo?

—Fui ao logar da acção, e soube tudo

—Tudo o que?

—Que um camponez tinha ouvido os tiros, e acudira; que estavas só com elle, que tinhas mais balas, e apezar d'isso fugiste, sabendo que o homem ia procurar e havia de descobrir o ferido.

—Ah! queria que despachasse tambem o camponez. Obrigado. Bastava um. Pois eu affirmo que o sujeito morreu.

—Pois está vivo. Julgam-no muito mal, é certo; mas é de uma constituição robusta, e receia-se que escape.

—Oh! com os diabos! E teve tempo de me ficar conhecendo... Tivemos um principio de luta, em que eu ia sendo o urso da farça.

—Em fim, replicou Luigi, vim cá para dizer-te o que ouviste; e para prevenir-te de que não recibes a outra metade da quantia... é justo, não é?

—De certo, se é verdade o que me diz.

—Agora, continuou o italiano, aconselho-te a maior prudencia, e até mesmo que te safes, se por acaso escapar o maroto, que tão toalmente deixaste ficar vivo.

—Mas eu quero ter noticias do tal patusco.

—Eu me incumbo d'isso; mas n'outro logar, porque não volto aqui.

—A's suas ordens.

Ajustado isto, separaram-se.

Na manhã d'esse dia, tinha o italiano deixado a casa de Celestina, levando no braço um grande casaco. Dirigio-se ao bosque da Cambre, despiutudo o que lhe dava o aspecto de um inglez, e voltou para o hotel de que sabira na ante-vespera, onde se vestio com o seu fato de costume substituindo apenas o chapéu redondo por um barrete.

Assim é que foi a Beersel, e a casa de Malescot. Antes porem de fallar com o instrumento do seu crime, esteve com Donaciono, a quem deu a desagradavel noticia de que o advogado ainda respirava.

—E a justiça, perguntou o visconde, já tinha principiado as suas pesquisas quando vieste?

—Isso pouco importa; a justiça ha de pensar tanto em Malescot como em Mahomet. Não te ponhas com receios.

Nos dias que seguiram, Donaciono e San Marco tiveram numerosas conferencias, tendo por assumpto principal René Morlant, cujo regresso a Bruxellas entristeceu-os muito, porque se dizia que o advogado estava livre de perigo.

Nesse intervallo a doença de Paulina tomou caracter serio; mas o marido não tinha tempo de preocupar-se com isso. Todavia, quando ella se restabeleceu, Donaciono estranhou a mulher, e sabendo que ia frequentes vezes com a madrinha a casa de Celestina, resolveu espreital-as.

IV

Certa manhã, estando San Marco almoçando, o creado mandou entrar um sujeito, que elle recebeu com ruidosa alegria.

Era Paulo Gibraltar!

—Não recebeste a minha carta? porque te demoraste tanto?

—Porque?... Tens deante de ti um homem cada vez mais acabrunhado pelo destino... Dos dez mil

francos, que apanhei ao velho Desherbiers, restam-me doze... Quiz trabalhar... não rias... quiz poupar o avô do visconde; mas não ha remedio...

—E se elle não quizer cabir com alguma cousa?

—Eu o resolverei, deixa estar.

—Ora diz-me: possues algum segredo d'aquella familia? Falla sem receio; eu sou um tumulo de segredos.

—Não duvido, respondeu Gibraltar; mas eu tambem sou. Só te digo que o velhote tem obrigação de ser amavel comigo. Mas se se fizer fino, é outro cantar. Podes então auxiliar-me e prestar um serviço ao teu amigo, por cuja felicidade te interessas. Vou escrever a Desherbiers uma carta laconica e si-

—Mas quem diabo lhe havia de dizer? perguntou o italiano.

—Sabes que ella fallou-me d'aquelle livro. René Morlant tinha-o. Pois bem, minha mulher ou o leu, ou alguém lhe contou o que n'elle se descreve.

—Não diremos que a tua posição seja d'aqui em deante muito seductora; disse ironicamente San Marco.

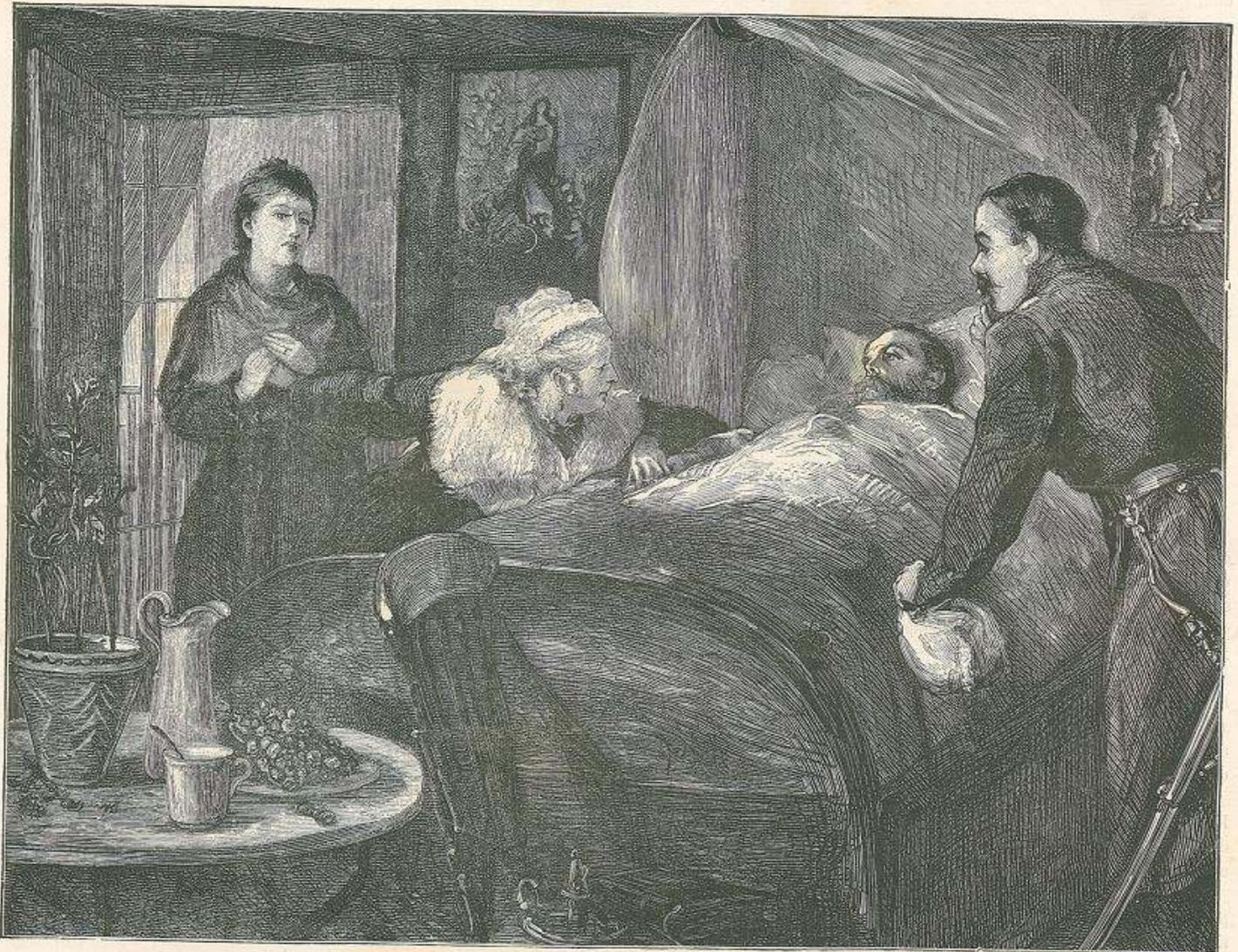
—Mas ainda ha peor. Paulina é cúmplice dos que nos querem perder. Zelia Martinpré e Celestina são instrumentos de René Morlant, e metteram minha mulher na conspiração.

—Que me dizes? exclamou Luigi, em tom grave e serio. A coisa muda completamente de figura.

hoje aqui Paulo Gibraltar. Não se explicou muito claramente; mas o caso do hotel de Waterloo já te dava que scismar. Hoje é preciso ser claro. Mediante uma pequena somma, Gibraltar põe os pontos nos ii, e podes dizer francamente a tua mulher: «Admittamos que sou o que suppões. E tu o que és?» N'uma palavra, meu caro, tenho a intima convicção de que aquella gente não tem um passado muito edificante.

V

Desde o dia, em que o «homem sem pernas» decidiu perseguir Donaciano de Monaville, uma só



UM PASSADO TENEBROSO.— A conferencia

gnificativa pedindo-lhe uma entrevista. Se não responder, verás Gibraltar abrir o seu estreito á passagem de um navio carregado de confidencias e revelações.

—Optima coisa. Até quando?

—Até ao resultado do negocio.

Mal sahio o ex-chefe dos federados, entrou Donaciano. Atirou-se para cima d'uma cadeira, com as mãos fechadas, e exclamou:

—Luigi, tenho o inferno no coração, e o diabo na cabeça.

—Explica-te, homem.

As minhas suspeitas estão confirmadas. Minha mulher soube, senão tudo, pelo menos muita coisa. D'ahi proveio a doença, que o medico attribuiu a uma commoção moral.

—Agora me smo está Paulina em casa da Trénoy, ou melhor, conversando com o advogado no seu quarto.

—Estás certo d'isso?

—Estou. Mandei um homem com uma carta falsa para entregar em mão propria a René Morlant. O homem entrou, e viu no quarto só os tres: elle, Paulina e a madrinha.

—O perigo é incontestavel, mas não imminente. Não quero julgar definitivamente tua mulher; mas se ella tambem conspira, não podia ser uma esposa modelo. Se ella tem armas contra ti, debes tambem tel-as contra ella, e eu posso dar-t'as.

—Contra Paulina?

—Sim, e principalmente contra o avô. Esteve

ideia o absorvia constantemente: o castigo publico, infamante, do miseravel, que se introduziu no exercito francez para desempenhar o papel de espião, e fôra causa da derrota do batalhão, que elle commandava, e da horrivel operação, que lhe fizeram. Descobertas posteriores mostraram-lhe que o traidor e o seu cúmplice eram dois vulgares mas audaciosos malfiteiros. Isso augmentava-lhe a sede de vingança; mas, como homem de grande lealdade, queria que a justiça do seu paiz se encarregasse de punir os criminosos no cadafalso.

(Continua)